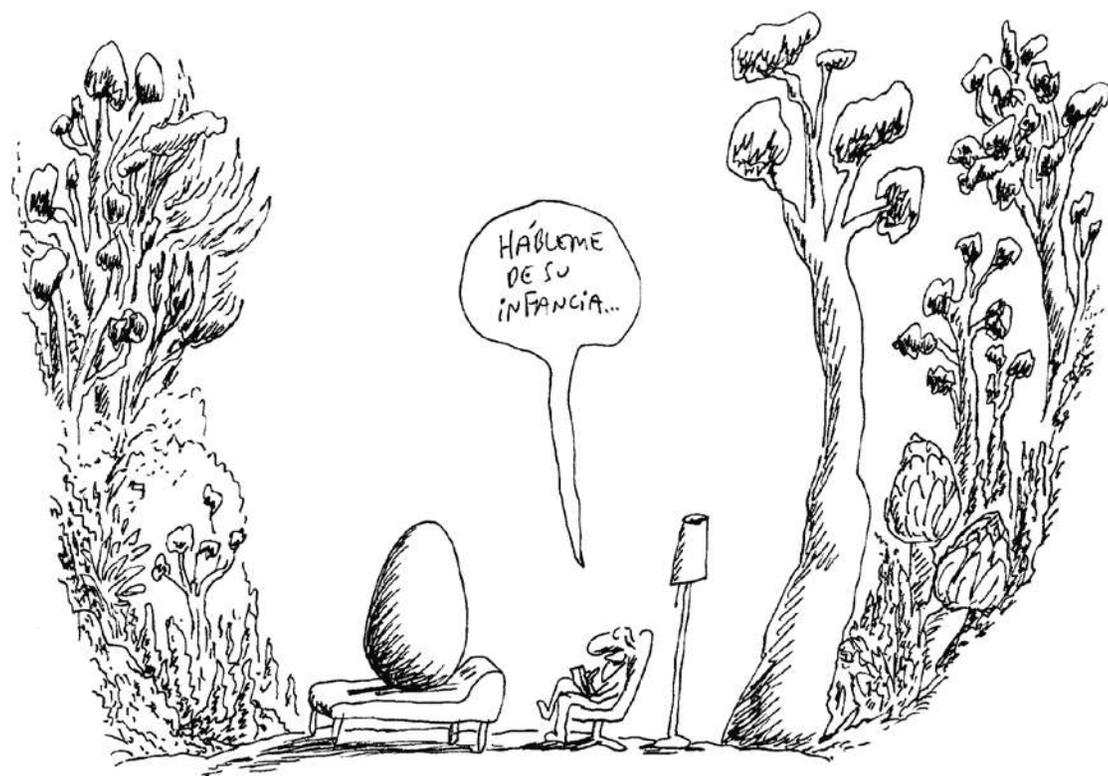


Desde que comecei a ter vontade de me
casar de novo me tornei fã da psicanálise.
Groucho Marx



Antonio M. Velásquez Convers*

O humor na análise e a análise do humor

* Sociedad Colombiana de Psicoanálisis.

A análise do humor

Freud (1905/1974) comenta em seu livro sobre o chiste que os diferentes pesquisadores preferiram estudar o cômico antes que o chiste, considerando seu caráter mais amplo e atrativo. Nesse texto considera o humor do ponto de vista econômico e se preocupa em encontrar o mecanismo produtor de prazer no chiste. Para ele, o prazer recai na economia do gasto psíquico que implica o chiste. A quantidade de prazer que um chiste produz é igual ao gasto psíquico economizado, e é maior quando o obstáculo que se remove é interno.

Ao analisar o chiste tendencioso, observa que o prazer surge frente à satisfação de uma tendência, e ao realizar um desvio, permite satisfazer a tendência e produz, por conseguinte, prazer.

Toda coerção implica um gasto psíquico; ao levantar essa coerção ou obstáculo, produz-se uma economia desse gasto psíquico, o que gera prazer. “Dos chistes tendenciosos obtém-se prazer [...], esta produção de prazer corresponde à despesa psíquica que é economizada.”¹ (Freud, 1905/1974, p. 1095).

Em um trabalho posterior, *O humor*, Freud (1928/1974) reconhece que o texto sobre o chiste estudou o humor apenas a partir do ponto de vista econômico. Especifica que o processo humorístico pode ser de duas formas: só uma pessoa tem atitude humorística e o outro é espectador, ou entre duas pessoas, com uma que não participa senão como objeto do humor do outro. Freud diz que “a atitude

de humorística [...] é possível de ser dirigida quer para o próprio eu do indivíduo quer para outras pessoas; é de supor que ocasione uma produção de prazer à pessoa que a adota, e uma produção semelhante de prazer vem a ser a quota do assistente não participante”² (p. 2997).

Menciona como características do humor o grandioso e exaltante, especificando que o grandioso está relacionado com o triunfo do narcisismo. “O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais” (p. 2998).

Neste mesmo texto compara o chiste com o humor, propondo uma intervenção inovadora do superego. “Um chiste é, portanto, a contribuição feita ao cômico pelo inconsciente. Exatamente do mesmo modo, o humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do superego” (p. 3000). E, ao final: “se o superego tenta, através do humor, consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isso não contradiz sua origem no agente paterno” (p. 3000).

O humor na análise

Há certa crença sobre a análise e sobre o espaço analítico no sentido de seu caráter sombrio. O fato é que, ainda que existam momentos sombrios, outros dolorosos e alguns estranhos, também é certo que há momentos de humor e, em alguns casos, não só sorrisos aprovadores do *insight*, mas francas gargalhadas. De que depende que isso aconteça? Como tudo em psicanálise, é um tema multifatorial. Depende da personalidade do analista e do

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 80 de: Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905.). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-08-1905.pdf>

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação e das seguintes desta página, correspondem respectivamente às pp. 99, 100, 102 e 103 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>

María del Carmen Ramos*

O humor no divã

O humor tem lugar dentro da situação analítica? Pode ser considerado um recurso terapêutico? A busca de *insight* – a bússola de nossa tarefa – nutre-se do humor?

No humor, o desejo se rebela da culpa, eludindo a censura. Quando o humor aparece na análise é porque se produziu uma mobilização emocional, algumas resistências têm que ter cedido, emergindo a possibilidade do *insight*.

Poderíamos inferir que, se há um senso de humor de forma associativa, é porque diminuiu a ansiedade paranoide e as ansiedades confusio-nais, e se pôde dar maior capacidade de tolerância à frustração frente ao desejo ou à necessidade narcisista. Todos sabemos que a ansiedade paranoide é o afeto menos sensível ao humor, assim como este tampouco se dá bem com a neurose obsessiva e menos ainda com a paranoide.

O senso de humor pode se manifestar em qualquer momento da análise, seja através da sagacidade, da ironia, do humor negro ou da zombaria. Gabrieli Pascuali (1987) pensa que quando, no curso de uma análise, aparecem comentários humorados, fica evidente que existe um maior grau de consciência ou de vontade de enfrentar as dificuldades.

A presença do humor no *setting* nos indica uma mudança importante na economia emocional; costuma aparecer de forma ambígua, como destaca Yampey (1982), devido à mistura de afetos e aos múltiplos matizes da situação relacional.

Considero que o humor nutre e favorece o verdadeiro *insight* porque nos reconcilia com nossos aspectos dissociados ou reprimidos e nos possibilita certa tolerância afetiva frente à frustração e à dor. É por isso que a busca de integração, que é uma meta terapêutica, teria que considerar como uma de suas conquistas desenvolver um senso de humor.

A primeira vinheta ocorre em sessão com um paciente homem, jovem, tentando, através de uma interpretação de transferência, que se dê conta da intensa raiva de seu pai que projeta em mim. Responde-me furioso: “Traduza, fale em humano”. Risonha, lhe respondo imediatamente: “Poderei?”.

O paciente fica alguns segundos em silêncio, e acrescenta, em um tom mais calmo, até cordial: “Tente, capaz que consiga”. Ambos rimos, e mais adiante, nessa mesma sessão, graças a esse momento de humor compartilhado, é possível o *insight*: reconhece que sua raiva se deve ao temor de não ser capaz de realizar seus desejos, enfrentar a autoridade ou satisfazer as expectativas que acredita que os outros têm em relação a ele.

O segundo exemplo é mais propriamente uma interpretação humorística que consigo sintetizar em uma só palavra: “Poderei?”.

A projeção de fundo pode emergir como *insight* graças a este momento de humor compartilhado. Enquanto figura de autoridade, o analista representa os objetos internos perse-

paciente, do humor do paciente e do analis-ta, não só individualmente, mas como dupla analítica. Com certeza será mais frequente em uma dupla analítica com bom humor que em outra dupla que seja menos bem-humorada.

Este espaço de humor, que só o par analítico cria e vive, teria uma configuração similar à que propõe M. e W. Baranger (1961) quando se referem à fantasia inconsciente do campo bipessoal constituído pelo analista e pelo analisado. Para eles essa fantasia é criada pelo par e é substancialmente diferente do que cada um possa criar separadamente.

Dentro desse espaço de humor criado pela dupla analítica, ocorreriam as associações humorísticas e as interpretações humorísticas. Nesse sentido, se associaria com humor e se interpretaria com humor. Como sustenta S. Barrios³, a psicanálise não é só um trabalho de busca arqueológica, mas sim, a dupla analítica está unida em uma relação criativa.

Então, qualquer interpretação deve ter um *timing* e um conteúdo que esteja em linha com as associações do paciente. Para ilustrar o anterior, mencionarei uma vinheta clínica. O momento do processo estava caracterizado por uma transferência negativa do paciente, que se evidenciava nas associações, e esta sessão em particular a iniciou com o relato do sonho “Freud em Barraquilla”⁴:

Paciente: Freud está em Barraquilla e vai caminhando pela via 40, em pleno sol do meio-dia. Está vestido de tecido grosso, usa colete, cartola e paletó. [A narração do sonho foi feita de forma risonha e *mamagallista*⁵].

Analista: A próxima vez me disfarçarás de Marimonda⁶.

Isso gerou uma gargalhada no paciente e um *insight* ao redor do sentido do sonho, o qual, de conteúdo irônico, demonstra desejo

de vingança, ridicularizando o analista. Por outra parte, a intervenção jovial do analista gerou esclarecimento e pôs a descoberto o sentido inconsciente e brincalhão do conteúdo latente do sonho.

O analista poderia ter feito uma intervenção de forma tradicional e interpretar que Freud representava o analista, e ao colocá-lo com essa vestimenta nesse sufocante calor de Barraquilla, buscava zombar dele e ridicularizá-lo. Em vez disso, aludiu à Marimonda como personagem popular, conseguindo o efeito liberador. Humor com humor se paga.

Tanto o relato do sonho, como a interpretação geraram um ambiente de humor na sessão que facilitou a produção de novas associações, colocando em evidência a transferência negativa presente nas últimas sessões.

Acredito finalmente, que o humor na análise não só é parte do processo analítico, mas que, bem utilizado em termos de *timing*, conteúdo e pertinência, converte-se em uma ferramenta poderosa em nossa prática psicanalítica.

Referências

Baranger, W. e Baranger, M. (1961). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4(1), 3-54.

Freud, S. (1973a). El chiste y su relación con el inconsciente. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1973b). El humor. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1927).

Gutiérrez, E. e Cunin, E. (2006). *Fiestas y carnavales en Colombia: La puesta en escena de las identidades*. Medellín: La Carreta.

3. Comunicação pessoal, 2019.

4. Barraquilla é um porto sobre o Caribe colombiano, cuja temperatura média é de 30°C e é famoso por seu Carnaval, reconhecido pela Unesco como patrimônio oral e intangível da humanidade (Gutiérrez e Cunin, 2006).

5. Colombianismo que significa “zombar de alguém, fala zombando”.

6. Personagem do Carnaval de Barraquilla que representa o tipo cômico e brincalhão.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.